

O Trabalho Sujo com a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro¹

Daniel Francisco Bastos Monteiro, Verônica Fujise Pereira,
Laureane Leopoldino de Oliveira, Oscar Palma Lima
e Alexandre de Pádua Carrieri

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender questões acerca do ofício de coveiro e identificar quais as marcas sociais existentes na profissão, como ela é vista pelos profissionais e como estes se identificam com o seu exercício. Optou-se por desenvolver uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual foram entrevistados 08 coveiros de 03 cemitérios de Belo Horizonte (02 públicos e 01 judaico). Para a análise dos relatos, foram utilizadas categorias da Análise Linguística do Discurso, sendo possível identificar dois percursos semânticos a respeito da profissão de coveiro. O primeiro diz respeito ao discurso que retrata as categorias estigmatizantes que permeiam a profissão e ao preconceito e discriminação que os coveiros sofrem perante a sociedade. Já o segundo percurso está atrelado ao processo de construção das identidades dos coveiros e a maneira como eles passaram a lidar com a morte após começar a trabalhar com uma atividade que está diretamente ligada a ela. Concluímos este trabalho, portanto, com reflexões acerca dos estigmas presentes na profissão de coveiro e sugestões para pesquisas futuras.

Palavras-chave

Coveiros. Estigma. Identidade. Trabalho Sujo.

Abstract

This article aims to understand issues concerning gravediggers and to identify the existing social traits regarding the job as well as how it is seen by professionals and how they identify themselves with it. It was decided to develop a qualitative research, in which 08 gravediggers from 03 cemeteries in Belo Horizonte (02 public and 01 Jewish) were interviewed. For the analysis, categories of linguistics discourse analysis were used and it was possible to identify two semantic paths concerning the job of gravedigger. The first one concerns the discourse that portrays the stigma that permeates the profession and the prejudice and discrimination that gravediggers face in society. The second one is related to the construction process of the

identity of the gravediggers and the way they deal with death after they started doing a job that is directly linked to it. We conclude this work, therefore, with reflections on the present stigmas regarding the profession of gravedigger and suggestions for future research.

Keywords Gravediggers. Stigma. Identity. Dirty Work.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é conhecer e compreender o ofício de ser coveiro e evidenciar quais as marcas sociais existentes nesta profissão, como ela é vista pelos profissionais e como estes se identificam com o seu trabalho. O interesse por essa categoria profissional se baseia no fato de haver vários tabus acerca do trabalho com a morte. Além disso, tem-se que os temas relacionados aos negócios da morte ainda são negligenciados pelos estudos em Administração, não obstante a representatividade deste mercado e o fato de que diversas profissões e atividades relacionadas a este negócio são pouco conhecidas e passam despercebidas pela sociedade. Assim, há a necessidade de se lançar um olhar para a gestão das organizações que estão ligadas à morte e, por conseguinte, para os trabalhadores atrelados a elas. No caso particular deste artigo, foram escolhidos os coveiros, pois representam o trabalho final de uma cadeia que começa com o atestado de óbito dado pelo médico.

A maneira como a morte é vista pelas pessoas tem se alterado, de forma gradual e lentamente, pois, à medida que as sociedades passam por transformações, os rituais em torno da morte também mudam (MENEZES; GOMES, 2011). Segundo Veras e Soares (2016), com as transformações sociais, a responsabilidade de cuidar dos preparativos para o funeral, antes atribuída à família e à comunidade, foi transferida para o Estado e instituições que possuem um caráter técnico, profissional e até mercantil, fomentando, assim, a indústria funerária e a mercantilização da morte.

No Brasil, de acordo com a Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMERCIO/SP (2015), o setor funerário tem um potencial de mercado bastante expressivo, visto que ele movimentava, hoje, mais de sete bilhões de reais por ano e tem perspectiva de crescimento de 8% ao ano nos próximos cinco anos. Além do mais, ainda segundo esta mesma federação comercial, o setor possui 5.500 empresas em funcionamento, das quais 98% pertencem à iniciativa privada, gerando empregos diretos e indiretos. Nesse sentido, várias são as categorias profissionais que estão relacionadas ao tema da morte tais como padres, médicos, gestores, operários industriais, coveiros, motoristas, entre outras.

Um aspecto importante relacionado a algumas das profissões ligadas ao tema da morte como, por exemplo, o coveiro, refere-se ao fato de elas serem vistas como um trabalho sujo (ASHFORTH; KREINER, 2013; 2014). Particularmente, o conceito de trabalho sujo (*Dirty Work*) foi elaborado por Hughes (1951) e diz respeito àquelas ocupações

laborais tidas como depreciadas, estigmatizadas e desprovidas de prestígio e visibilidade social. Segundo Ashforth e Kreiner (2014), profissionais como tatuadores, zeladores, açougueiros, prostitutas, coletores de lixo, dentre outros, são tidos como inferiores e sujos por desempenharem tarefas vistas como nojentas e depreciativas perante a sociedade. Ainda segundo estes mesmos autores, além desses profissionais, também podem ser citados aqueles que exercem atividades diretamente relacionadas à morte como, por exemplo, os coveiros e os agentes funerários.

A opção deste trabalho em focar a sua abordagem na categoria profissional dos coveiros justifica-se a partir de três principais aspectos. Primeiramente, pela escassez de estudos realizados acerca destes profissionais na Administração e em outras áreas do conhecimento. Importante ressaltar que, ao realizarmos o levantamento bibliográfico nas plataformas de produção científica *Scielo*, *Spell* e Portal de Periódicos Capes, foi possível localizar poucos trabalhos (CATIVO *et al.*, 2014; PÊGAS *et al.*, 2009; PINHEIRO *et al.*, 2012) relacionados a estes profissionais no Brasil, havendo assim uma lacuna acadêmica sobre este tema. O segundo aspecto diz respeito ao desprestígio e ao preconceito social enfrentado pelos coveiros, os quais são vistos por uma parcela significativa da sociedade como trabalhadores sujos, degradados e estigmatizados. Afinal, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2002), são eles que exercem a *escavação, limpeza e preparação de sepulturas; realizam a exumação de cadáveres; sofrem riscos biológicos através do contato com germes infecciosos e parasitários humanos; e padecem de riscos ergonômicos advindos de posturas inadequadas e grande esforço físico*. O terceiro aspecto refere-se à importância do trabalho dos coveiros para a sociedade, pois eles são indispensáveis para o funcionamento dos cemitérios e finalização do ritual de despedida.

É importante frisar que, no Brasil, a contratação dos coveiros pode ocorrer por meio de concurso público ou empresas terceirizadas. Na cidade de Belo Horizonte, onde foi realizada a pesquisa, dentre os 08 coveiros entrevistados 05 são terceirizados e 03 concursados. Em relação ao número de coveiros em atividade no Brasil, não foram localizados dados referentes a isto, tendo em vista que as entidades sindicais que representam esta categoria profissional e os órgãos públicos que trabalham com censos e pesquisas demográficas, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), não têm realizado levantamentos estatísticos acerca deste tipo de informação.

Tendo em vista tais considerações, empiricamente, optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa, na qual a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados profissionais de 03 cemitérios (02 públicos e 01 judaico), totalizando 08 coveiros (de um total de 19 coveiros), com o intuito de conhecer a rotina profissional e o contexto em que o estigma se apresenta. Em Belo Horizonte, há 07 cemitérios: 04 cemitérios públicos, 02 privados e 01 judaico. Além do mais, optamos por analisar os relatos colhidos por meio da Análise Linguística do Discurso (ALD) por nos proporcionar a interpretação e compreensão em profundidade da realidade social apresentada.

Ao fim da pesquisa, foi possível evidenciar, por meio do discurso dos coveiros, que há uma tentativa deles contornarem os estigmas presentes em sua profissão por meio de duas

estratégias sociais, isto é, as ideologias ocupacionais e a ponderação social. Também se observou que os estigmas, a invisibilidade social e os preconceitos atribuídos à profissão de coveiro estão atrelados à maneira com que a morte ainda é vista pela sociedade brasileira e pelo fato de representar uma ocupação laboral que realiza atividades tidas, a partir da ótica social, como indignas, humilhantes, sujas, pesadas e desprestigiadas.

Este artigo está dividido em cinco partes, incluindo esta introdução. A seção seguinte consiste no referencial teórico utilizado para embasar os conceitos acerca dos temas identidade, trabalho sujo e estigma. Em seguida, serão expostos os caminhos metodológicos percorridos neste trabalho. Posteriormente, os resultados e as análises realizadas serão discutidos e, por fim, as considerações finais serão delineadas, incluindo sugestões para trabalhos futuros.

REFERENCIAL TEÓRICO

Identidade

A identidade do sujeito é concebida como uma construção advinda do processo de socialização, sendo ela fundamentada na percepção dos outros sujeitos. Assim, ela pode ser entendida como fruto de um processo de integração de múltiplas realidades de significações compartilhadas. As identidades sociais, então, seriam compostas por práticas cotidianas, direitos normativos e obrigações que constituem os papéis sociais a serem assumidos. Dessa forma, a identidade do indivíduo depende do reconhecimento e da legitimação dos outros sujeitos que compõem a sua realidade social (VUREEN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER, 2012; BROWN; COUPLAND, 2015; CARDOSO; HANASHIRO; BARROS, 2016; AGUIAR; CARRIERI, 2016).

Todo o processo de construção da identidade dos sujeitos acontece por meio da identificação com o outro, seja por intermédio de grupos aos quais pertence ou da sociedade em geral. Isso nos remete à ideia de que a construção da identidade é um processo que pode ser conturbado e conflituoso, visto que é fruto de um jogo de poderes, no qual os dominantes apontam o socialmente valorizado, influenciando assim a constituição das identidades dos indivíduos (CARDOSO *et al.*, 2016). Para Aguiar e Carrieri (2016), é nesse contexto que podemos observar as práticas de inclusão e exclusão por meio da deliberação implícita ou explícita de quem merece ou não pertencer a determinado grupo social.

As identidades são relativas a um contexto social e a uma época histórica. Os sujeitos internalizam os papéis sociais por conta da realidade social, construindo conceitos de identidade que surgem no curso das histórias sociais. Atrelado a isso, Aguiar e Carrieri (2016) enfatizam que o trabalho tem papel central na vida pessoal do sujeito, como uma atividade cotidiana e, ao mesmo tempo, construtor de identidades e de criatividade social.

É importante destacar que, de acordo com Souza e Carrieri (2012), um indivíduo comum que se encaixa em determinado papel social encontra sua identidade somente no momento em que se relaciona direta ou indiretamente com o outro. Então, é a partir da ação e da linguagem que o indivíduo tem a capacidade de manifestar quem ele, verdadeiramente, é.

Dessa maneira, pode-se sustentar a ideia de que, para analisar a identidade, deve-se passar pela dimensão discursiva, levando em conta também as práticas não verbais, podendo ser transportadas a um nível de análise discursivo. Diante disso, para compreendermos a construção da identidade dos profissionais denominados de coveiros, adotamos, em nossa pesquisa, a visão dos autores Souza e Carrieri (2012), articulando os aspectos identitários com aspectos discursivos às práticas cotidianas.

Os processos identitários são resultados de uma produção discursiva e simbólica. Assim, por intermédio da identificação e da diferenciação (não identificação) nas relações sociais, pode-se criar e estabelecer esses processos. Desse modo, as identificações que são consideradas não eficientes diante das expectativas sociais impostas estão condenadas ao processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988). Nesse sentido, os sujeitos que possuem ocupações tidas como sujas e/ou perigosas enfrentam o desafio de construir identidades positivas, já que a edificação de um significado social, usualmente, é muito dura e difícil. Portanto, as identidades dos sujeitos estão em mudanças constantes, se construindo e se redefinindo de acordo com as transformações sociais, culturais, simbólicas e institucionais (VUREEN *et al.*, 2012; AGUIAR; CARRIERI, 2016).

Trabalho Sujo e Estigma

Segundo Souza (2013), no capitalismo moderno, a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho, principalmente o setor produtivo, está condicionada à detenção de capital cultural (conhecimento técnico e escolar) por parte das pessoas. Para aqueles que não atendem aos requisitos mencionados anteriormente, restaria a realização de trabalhos precários, marginalizados, sujos e humilhantes socialmente, os quais exigem apenas o dispêndio de energia muscular e física. Trabalhos como o da empregada doméstica, da prostituta, do catador de papel e lixo e do lavador de carro são citados pelo autor como exemplos de ocupações marginalizadas e precárias que são exercidas pelos desclassificados sociais. Acrescentamos à sua lista o trabalho de coveiro.

Para Hughes (1962), além da divisão técnica e social do trabalho, há também uma divisão moral e psicológica. Nesse sentido, de acordo com Lhuilier (2014), essa separação cria um campo do trabalho sujo, na qual as atividades laborais são desvalorizadas e estigmatizadas. Ainda segundo esse autor, as profissões que são consideradas pertencentes ao trabalho sujo consistem naquelas que estão na parte inferior da escala moral do trabalho, estando elas remetidas a tarefas física ou simbolicamente humilhantes, degradantes e sujas. Associado a isso, os indivíduos que realizam essas atividades são vistos por parte da sociedade como trabalhadores sujos (ASHFORTH; KREINER, 2014). O conceito de trabalho sujo (*Dirty Work*), como já mencionado, foi elaborado por Hughes (1951) para se referir às atividades profissionais que são vistas por uma parcela significativa da sociedade como um trabalho degradante, nojento, desprestigiado socialmente e contaminado. Além disso, conforme Hughes (1958, p. 122, tradução nossa), trabalho sujo também pode ser entendido como ocupações estigmatizadas que são “física, social e moralmente manchadas”.

Segundo Goffman (1988), o termo estigma é um atributo depreciativo, deteriorado, uma marca ou sinal que uma pessoa tenha e que conseqüentemente a faça ser vista pela sociedade como diferente, incapaz e desvalorizada perante as pessoas normais e comuns. Nesse sentido, há atributos que são considerados comuns e naturais, sendo esses necessários para que as pessoas façam parte de um grupo, e aquelas que não possuem esses atributos passam a ser questionadas e a sofrer preconceitos por parte da sociedade. Além do mais, de acordo com Souza e Carrieri (2015, p. 4, tradução nossa), “o estigma pode assumir diferentes formas, como raça, profissão, preferência sexual, religião, entre outros”.

No que tange à literatura referente ao tema trabalho sujo, observamos que ele tem sido pesquisado a partir de diversas ocupações laborais. Há autores que estudam o trabalho sujo na indústria de segurança privada (LOFSTRAND; LOFTUS; LOADER, 2015), na psiquiatria pública (POPE; CUBELLIS; HOPPER, 2016), no contexto acadêmico (SANDERS-MCDONAGH, 2014), entre imigrantes ilegais (OLVERA, 2016), praticantes de danças exóticas (GRANDY; MAVIN, 2014), empregadas domésticas (BOSMANS *et al.*, 2016), nas indústrias da cirurgia e da tatuagem (ADAMS, 2012), entre outras. A grande maioria desses trabalhos tem por base as pesquisas desenvolvidas por Hughes (1951; 1958; 1962).

Ashforth e Kreiner (1999), baseados nos trabalhos de Hughes, observaram que as profissões que são tidas como um trabalho sujo pela sociedade têm processos moderadores em relação aos seus atributos estigmatizados, sendo que esses processos são realizados a partir de estratégias sociais tais como as ideologias ocupacionais e a ponderação social. As ideologias ocupacionais, para Ashforth e Kreiner (1999, p. 421, tradução nossa), são “sistemas de crenças que fornecem um meio de interpretar e compreender o que o profissional faz e por que é importante”. Eles apontam que, no processo de construção dessas ideologias ocupacionais, podemos observar táticas como: as ressignificações (*reframing*), isto é, um processo que infunde na ocupação estigmatizada um valor positivo no lugar dos valores negativos; as recalibrações (*recalibrating*), que simultaneamente minimizam os aspectos indesejáveis de uma ocupação, sublinhando as qualidades edificantes dela; e as reorientações (*refocusing*), que deslocam o centro das atenções para os aspectos não estigmatizados da ocupação, ao custo dos aspectos estigmatizados. Por fim, a ponderação social é usada pelos profissionais estigmatizados contra os discursos dos outros sujeitos não membros desses grupos que os censuram ou que os têm como um outro menosprezado.

Ashforth e Kreiner (2014), buscando expandir a abordagem referente à teoria do trabalho sujo, elaboraram três categorias de estigmas, pensadas a partir de perspectivas sociais, culturais, práticas e conceituais. A primeira categoria atrela-se ao aspecto físico, à sujeira física; ela ocorreria em ocupações (coveiro, coletor de lixo ou de papel, mineiro etc.) que são realizadas sob condições perigosas, nocivas ou relacionadas ao lixo, à morte e ao esgoto. A segunda categoria refere-se à questão social e está relacionada às ocupações (assistente social; detetive; psiquiatra etc.) que possuem contato regular com pessoas ou grupos estigmatizados ou quando os trabalhadores apresentam uma postura servil para com outros sujeitos. Por fim, a terceira categoria está ligada à moralidade

e se refere às ocupações (agiotas; dançarino exótico; prostituta etc.) que possuem uma virtude duvidosa ou que possuem práticas moralmente contestáveis.

Por outro lado, segundo Ashforth e Kreiner (2014), é importante enfatizar que muitas ocupações laborais podem apresentar mais de uma categoria estigmatizante, como é o caso da atividade exercida pelas prostitutas, na qual é possível observar os três tipos de categorias mencionadas anteriormente. Para esses mesmos autores, os agentes funerários – como os coveiros – são estigmatizados apenas na categoria física, entretanto, os agentes que compram ou vendem cadáveres são estigmatizados física e moralmente.

Baseados nestas proposições teóricas e tendo por objetivo compreender um pouco sobre o ofício de ser coveiro e evidenciar quais as marcas sociais existentes nessa profissão, buscou-se aqui desenvolver um trabalho empírico na cidade de Belo Horizonte onde o grupo de pesquisa foi conhecer o trabalho desse profissional em alguns cemitérios da cidade.

CAMINHOS PERCORRIDOS

Esta pesquisa é de cunho qualitativo. De acordo com Souza (2014), o método qualitativo possibilita ao pesquisador compreender o fenômeno estudado sob diversas perspectivas, dentre elas, sob a ótica do indivíduo. Ademais, a pesquisa qualitativa permite uma maior inteligibilidade sobre o objeto de estudo e um aprofundamento no que se refere à compreensão da realidade estudada. Assim, esse método propicia a apreensão da dinâmica interna das conjunturas estudadas, o que, na maioria das vezes, é invisível para observadores externos.

Além do método qualitativo, optou-se pela Análise Linguística do Discurso (ALD). Pesquisas qualitativas aliadas à ALD têm sido bastante utilizadas nos Estudos Organizacionais, pois possibilitam que a realidade social e os conflitos ideológicos sejam compreendidos em maior profundidade pelo pesquisador (CARRIERI; SOUZA, 2014). Os sentidos que representam os discursos são externos à língua e dependerão do contexto social em que o indivíduo se insere, da sua identidade e das condições de produção. Dessa maneira, a análise do discurso propicia ao pesquisador apreender o contexto no qual os discursos foram construídos e as relações ali existentes.

A construção dos discursos não é neutra e expõe a visão do enunciador acerca da realidade. Através da linguagem, os indivíduos explicitam o modo como enxergam o contexto em que se inserem, além de reafirmar a posição que ocupam. Logo, a linguagem também pode ser vista como um mecanismo de confrontação de poder. Ao expressar no discurso o seu ponto de vista e o modo como o indivíduo se expressa através da fala ou da escrita, ambos revelam muito acerca da sua identidade e o discurso proferido por ele permite ao pesquisador identificar traços da mesma (CARRIERI; SOUZA, 2014).

Para a coleta dos dados, foram realizadas entrevistas norteadas por roteiros semiestruturados. Thiollent (1987) afirma que, através de entrevistas com roteiros semiestruturados, é possível uma introdução do pesquisador na cultura do entrevistado, o que é válido para

apreender o contexto em que os discursos se encontram inseridos. A utilização de roteiros semiestruturados mostrou-se pertinente ao estudo, pois estes possibilitam que o pesquisador interfira o mínimo possível, deixando o entrevistado mais livre para realizar suas colocações. Para Duarte (2004), através das entrevistas, é possível extrair informações pertinentes acerca da realidade dos entrevistados e compreender em profundidade como se dão as relações no interior de determinado grupo e como cada indivíduo percebe a si mesmo. Deste modo, a partir dos relatos de cada indivíduo, pode-se pensar no coletivo e entender as relações estabelecidas dentro daquele grupo ao qual ele participa.

Em Belo Horizonte, existem 07 cemitérios, dos quais 04 são públicos, 02 privados e 01 judaico. Dentre as possibilidades deste campo de pesquisa, foram coletadas entrevistas em três cemitérios, sendo dois cemitérios públicos (Cemitério da Paz e Cemitério do Bonfim) e um cemitério judaico (Cemitério Israelita), a fim de se observar as peculiaridades da profissão de coveiro em diferentes locais. Cabe salientar que não foi possível obter depoimentos de coveiros que trabalham em cemitérios privados, pois as administrações não autorizaram entrar em contato com estes profissionais.

Em relação aos critérios utilizados para a escolha dos sujeitos da pesquisa, inicialmente, foram selecionados trabalhadores que exercem, exclusivamente, a atividade de coveiro há mais de um ano, tempo hábil para que eles vivenciassem e conhecessem o cotidiano e as características laborais da profissão. Não obstante, durante o trabalho de campo, tivemos a oportunidade de entrevistar sujeitos que, além das tarefas remetidas aos coveiros, também realizavam atividades complementares como letrista, jardineiros, entre outras. Foram obtidas 08 entrevistas com coveiros, sendo todos do sexo masculino. Quanto ao regime de trabalho, 05 são terceirizados e os outros 03 são servidores públicos. É importante mencionar que o grupo de pesquisa foi conhecer o cotidiano desses trabalhadores, visitando os cemitérios, fazendo observações participantes, conversando e até ajudando, algumas vezes, em tarefas consideradas menos sujas.

Os coveiros, como já mencionado anteriormente, são responsáveis pela abertura das sepulturas, exumação, limpeza do local e enterro. O fato de os coveiros trabalharem com a preparação e a manipulação de cadáveres implica em um preconceito social em relação a tais atividades, vistas como algo impuro, sujo, repulsivo e repugnante (MORAIS, 1999). Além do mais, os coveiros são personagens importantes e imprescindíveis para que um fenômeno social como a morte possa se efetivar em termos de um ritual de despedida. Todavia, conforme salientam Gilmore, Schafer e Halcrow (2013), na sociedade contemporânea, a morte é vista como um tabu apesar de haver o discurso de que ela deve ser encarada como algo natural (“todos vamos morrer um dia”), havendo assim regras e barreiras sociais que nos induzem a evitar pensar, refletir e falar sobre a morte.

Ademais, dentre os coveiros entrevistados, dois, em específico, realizam algumas funções além destas citadas. Um deles realiza a construção de lajes e tampas de concreto e a reforma de sepulturas. Já o outro, além das tarefas inerentes ao coveiro, cuida da vigilância do cemitério, da limpeza dos túmulos e da preparação do corpo para a realização do enterro.

As entrevistas realizadas foram gravadas, transcritas na íntegra e separadas em categorias, atendendo às temáticas observadas, e, posteriormente, analisadas pela ALD. As categorias identificadas foram o trabalho e a identidade. A análise foi feita em trechos retirados das entrevistas e, para não expor os sujeitos das pesquisas, estes serão identificados pela sequência de E1 a E8. Ademais, no presente trabalho, foram utilizadas cinco estratégias discursivas para analisarmos o discurso dos sujeitos sociais: 1) percursos semânticos; 2) análise do implícito e do explícito; 3) análise do silenciado; 4) análise lexical; 5) aspectos interdiscursivos (FARIA; LINHARES, 1993).

SE NÃO FOSSE O COVEIRO, COMO É QUE O POVO IA CAIR LÁ PRA DENTRO DA COVA?

Para Grant e Wade-Benzoni (2009), pertencer a uma organização relacionada ao negócio mortuário apresenta características interessantes a partir de duas perspectivas. Em primeiro lugar, o ambiente de trabalho expõe os funcionários de modo prolongado à morte alheia. Em decorrência disso, diante da morte, eles não ficariam emocionalmente abalados (o que os levaria, no emprego, a atrasos, absentismos e rotatividade), mas sim reflexivos. No longo prazo, a exposição à morte os deixaria ainda menos amedrontados por ela. Tal fato lhes permitiria refletir sobre os significados da vida e da morte e sobre as contribuições que eles, enquanto profissionais, poderiam dar à sociedade.

No que concerne à análise dos dados, foi possível identificar dois percursos semânticos em relação à profissão dos coveiros. O primeiro diz respeito ao discurso que retrata as categorias estigmatizantes que permeiam a profissão e as estratégias sociais, ideologias ocupacionais e ponderação social, utilizadas pelos coveiros como forma de moderar socialmente o preconceito e a discriminação que eles sofrem perante a sociedade, tanto no dia a dia do trabalho como em sua vida privada. O segundo percurso está atrelado ao processo de construção das identidades dos coveiros e à maneira como eles passaram a lidar com a morte após começar a trabalhar nesta profissão.

A PROFISSÃO DE COVEIRO, TRABALHO E PRECONCEITO

A atividade profissional do coveiro está relacionada principalmente às funções de abrir covas e enterrar pessoas mortas, mas suas funções não se restringem apenas a isto, visto que executam inúmeras outras atividades, como, por exemplo, exumações, traslado de corpos e despojos, assim como ajudar na conservação do cemitério. Ademais, segundo a CBO (2002), a formação escolar exigida para atividade de coveiro consiste no ensino fundamental e esses profissionais, de acordo com Sistema Nacional de Empregos – SINE (2017), em sua grande maioria, possuem carteira assinada com remuneração em torno de 1 salário mínimo, acrescida de insalubridade.

Por outro lado, a partir das informações disponibilizadas pelo SINE (2017), foi possível identificar a disponibilidade de vagas de emprego para coveiros, ofertadas em vários Estados

brasileiros no mês de março de 2017, sendo 12 no total. Isto evidencia a demanda destes profissionais pelo mercado e corrobora os relatos dos coveiros e dos gerentes dos dois cemitérios públicos pesquisados, visto que, segundo eles, há uma escassez de mão de obra para o ofício de coveiro, o que implica em sobrecarga de trabalho para este profissional, na medida em que ocorre um acúmulo de várias funções em seu cotidiano laboral.

Para Zelenovic (2008), dentre as profissões que trabalham com a morte, os coveiros possuem uma relevância muito grande, visto que eles são os únicos que realizam o enterro do cadáver, momento em que este é coberto por terra em seu túmulo. Além do mais, ainda segundo essa autora, estes profissionais também cuidam da última “morada” de uma pessoa falecida, uma vez que realizam a manutenção de seu túmulo e a exumação dos seus restos mortais, contribuindo assim para a permanência de sua imortalidade simbólica, conservada no cemitério através da manifestação de saudade e louvor dos entes queridos. Entretanto, embora exista um discurso que coloca a morte como natural ao ciclo de vida das pessoas, o cadáver é visto como nojento, impuro, e os profissionais que lidam diretamente com essas “impurezas”, “odores” e com a “morte” em seu dia a dia são vistos de forma estigmatizada pela sociedade (SOUZA; BOEMER, 1998).

Ademais, as estratégias sociais de moderação dos estigmas foram observadas nos discursos dos coveiros por meio das ideologias ocupacionais (ressignificação, recalibragem, reorientação) propostas por Ashforth e Kreiner (1999), as quais consistem em processos moderadores em relação aos atributos estigmatizados. Concomitantemente, também, foi possível identificar as categorias de estigma (físico, social e moral) elaboradas por Ashforth e Kreiner (2014).

A partir do trecho 01, foi possível identificar uma estratégia social de moderação dos estigmas por meio do processo de resignificação. Além disso, neste mesmo trecho, fica evidente a categoria de estigma físico.

(1) Você trabalha no cemitério, a pessoa vai, fala assim: “Oh, coveiro!” O povo lá fala assim: aquilo, então, deve ser nojento, porco. Muita gente pensa isso. Mas, não é! Então, um serviço normal da gente mesmo (E4).

(2) Muitos sabem que você é coveiro, às vezes não te cumprimenta, não pega na sua mão por nojo. [A sociedade] Discrimina ainda...ainda é muito discriminado! (E3).

O processo de resignificação está explícito no fragmento de E4 por meio das expressões “não é!” e “serviço normal”, contestando assim a ideia de que o serviço do coveiro seja um trabalho anormal e marcado pela sujeira. Por outro lado, a partir dos trechos 01 e 02, podemos observar alguns valores negativos com base nos lexemas *nojo*, *nojento* e *porco*, os quais remetem à ideia de que a atividade de coveiro se trata de um trabalho sujo. É importante destacar que estas palavras também remetem à categoria de estigma físico, uma vez que as pessoas associam as tarefas desempenhadas pelos coveiros a uma sujeira física, nociva e contagiante.

(03) Ah, eu gostaria do seguinte... que eles odiassem (*Sic*) pra gente com mais respeito, sabe? Ter mais respeito com a gente. Porque tem uns ainda que desrespeita

a gente, desfavorece o serviço da gente aqui, porque a gente faz um trabalho manual (E2).

(04) Tem muita gente que vem no cemitério que é muito orgulhoso, eles gosta de desfazer de um coveiro, entendeu? [...] Aí [as pessoas] fala durante o enterro que coveiro é uma merda. Eles xinga a gente. Às vezes, a gente não tá falando nada, fazendo nada de errado (E1).

A categoria de estigma social fica mais evidente nos trechos 03 e 04, apresentados acima. Primeiramente, no trecho 03, o estigma social está implícito por meio das expressões “desrespeita”, “desfavorece o serviço” e “faz um trabalho manual”, demonstrando a falta de reconhecimento e zelo por parte das pessoas em relação aos coveiros.

Particularmente ao fragmento 04, a categoria de estigma social também pode ser observada a partir das expressões “desfazer de um coveiro”, “coveiro é uma merda”, “xinga a gente”. Tais declarações demonstram, explicitamente, a falta de tolerância e de reconhecimento das pessoas para com os coveiros. Além do mais, conforme relata E1, muitas vezes, a humilhação sofrida por ele e seus companheiros de trabalho não possui nenhum fundamento, pois não há motivos que justifiquem esse tipo de comportamento por parte das pessoas. Nesse sentido, corroborando a opinião de Ashforth e Kreiner (2014), este tipo de comportamento em relação aos coveiros é devido ao fato de estes sujeitos exercerem uma profissão que é marginalizada, social e economicamente, e por apresentarem uma postura servil em relação às outras pessoas.

A segunda estratégia social observada foi a recalibragem (*recalibrating*). Essa ação pode ser observada no fragmento abaixo.

(05) Se não fosse o coveiro...se não tivesse nenhum coveiro, como é que ia ser enterrado, né? Como é que o povo ia...como é que o defunto ia cair lá pra dentro? Não! Tem que ter uma pessoa de coragem pra fazer isso...coragem mesmo de fazer isso...(E7).

Podemos identificar a recalibragem a partir de dois trechos do discurso de E7, nos quais ele visa destacar a importância da atividade de coveiro e o fato de que não se trata de um serviço que é realizado por qualquer pessoa. O primeiro trecho está explícito no fragmento “[...] se não tivesse nenhum coveiro, como é que ia ser enterrado?”, no qual ele deixa claro o papel imprescindível do coveiro no ato do sepultamento. Já no segundo trecho, podemos observar o advérbio de negação *não* e o tom usado (exclamação), implicitamente ressaltando a importância do coveiro, do mesmo modo que busca, com a expressão “pessoa de coragem”, explicitar uma característica importante para ser coveiro e implicitamente remete à ideia de que é preciso ter coragem para realizar uma atividade que lida com a morte e que é tratada como um tabu, sendo bastante estigmatizada por parte da sociedade.

A terceira estratégia observada no processo de moderação social construído pelos coveiros foi a reorientação (*refocusing*), identificada nos trechos abaixo. Podemos observar a reorientação existente no discurso dos entrevistados quando eles falam da forma como a atividade de coveiro é registrada na carteira de trabalho e a percepção deles em relação a isso.

(06) [...] realmente é [um trabalhador] braçal, nós não é coveiro. É braçal! Pra não chamar, não pôr na carteira da gente que é coveiro. Então, põe na carteira da gente [trabalhador] braçal. Porque é ruim demais a pessoa tá passando na rua e os outros falar assim: ó... o coveiro lá. Eu acho chato demais. Então, nós somos [trabalhadores] braçal (E1).

(07) [Na carteira de trabalho de vocês consta a atuação como coveiro ou outro nome?] Oh... vem como [trabalhador] braçal. Tem ainda como coveiro, mas agora eles estão aperfeiçoando como [trabalhador] braçal (E3).

No trecho 06, podemos observar que E1 não se considera coveiro, mas sim um trabalhador braçal, estando isso explícito no enunciado: “porque realmente é [trabalhador] braçal, nós não é coveiro”. Ademais, E1, ao longo de seu discurso, compara o coveiro com outro personagem, isto é, com aquele que exerce um serviço braçal e, junto a isto, ele justifica o porquê ser considerado como um trabalhador braçal é melhor do que ser visto como coveiro. Isso fica explícito nos lexemas *ruim* e *chato*, os quais são utilizados para caracterizar o sentimento que ele tem ao ser chamado de coveiro. Para Souza e Boemer (1998), qualquer pessoa que começa ou começou a trabalhar em uma organização ligada à morte é vista como um indivíduo diferente e corre o risco de ser apelidada depreciativamente pela família e amigos do falecido, o que é uma consequência da estranheza e inquietação sobre a natureza do trabalho da pessoa.

Todavia, nos trechos 06 e 07, ainda é possível notar a categoria de estigma moral, pois E1, ao afirmar que prefere ser reconhecido como trabalhador braçal ao invés de coveiro, deixa implícito que, para ele, o primeiro termo utilizado para designar a sua atividade laboral é menos desprestigiado e desmoralizado perante a sociedade que o segundo. Isso também fica explícito no momento em que E3 diz que a mudança de registro na carteira de trabalho de coveiro para trabalhador braçal é um aperfeiçoamento. Nesse sentido, a utilização do lexema *braçal* por E3 deixa implícito que ele o considera mais apropriado e engrandecido do que o registro profissional como coveiro. De modo geral, a ideia é reforçar aspectos positivos desta atividade e conceder-lhe um novo *status*.

É importante salientar, também, o fato de que, na carteira de trabalho dos coveiros, o cargo que consta registrado é o de trabalhador braçal, sendo isto relatado tanto por E1 como por E3. A partir disso, fica implícito que a atividade de coveiro não é reconhecida e legitimada como uma profissão e como um trabalho, precisando ser substituída pela metonímia *trabalhador braçal*, isto é, chamando a atividade de coveiro de um nome que não é a sua nomenclatura comum, criando assim uma nova associação, social e ideologicamente aceita, ou seja, a de trabalhador braçal (ARIMITS, 2015).

Ashforth e Kreiner (1999) ressaltam que os profissionais que lidam com o trabalho sujo também buscam minimizar os entraves ideológicos e identitários de suas atividades para com os outros indivíduos, utilizando-se de estratégias de ponderação social, as quais podem ser de três tipos. A primeira é a de condenar os condenadores, um processo que ilegítima os motivos, o caráter, o conhecimento ou a autoridade dos não membros. Podemos identificar essa estratégia no trecho a seguir.

(08) Doutor fulano de tal, doutor beltrano... Ahn, ahn... Pra mim, todo mundo é igual. Respeito o diploma de todo mundo, mas ninguém é melhor que ninguém. [...] Então, perante a Deus, todos nós somos iguais. Ah, porque tem um diploma é mais homem que os outros? Não é, porque todo mundo morre (E8).

No trecho acima, observamos que o entrevistado ressalta, em vários momentos de sua fala, o fato de que, independentemente da formação escolar das pessoas, todas são iguais perante a morte e a Deus. Isto fica explícito nas expressões *todo mundo é igual, ninguém é melhor que ninguém e todo mundo morre*. Outro aspecto interessante é o caráter interdiscursivo da fala de E8, o qual dialoga com o discurso religioso que prega a igualdade humana perante a figura de Deus ao dizer *perante a Deus, todos nós somos iguais*.

A segunda estratégia é o apoio aos adeptos, um processo que atribui mais credibilidade e legitimidade aos não membros que reconhecem a importância do trabalho. Esta estratégia pôde ser observada no fragmento abaixo:

(09) Uns... é... oh, ele é coveiro. Uns já acha legal e tem curiosidade em saber mais, entendeu? Às vezes, até ajuda. Eu fui fazer habilitação agora, entrei na baliza e o cara foi e perguntou: “Bom dia! Você faz o quê?”. Eu sou coveiro. Aí, ele interessou pela minha conversa, que nem meu exame ele olhou direito. Aí, ele não deixou eu sair do carro e foi procurando saber do dia a dia, entendeu? (E4).

A partir do trecho supracitado, é possível notar que E4 deixa explícito em sua fala o comportamento respeitoso e interessado do avaliador do exame de direção veicular ao saber que ele trabalhava como coveiro. Isto fica claro nas expressões *ele interessou pela minha conversa e foi procurando saber do dia a dia*. Por outro lado, fica implícito, no trecho acima, que o avaliador reconhece a importância do trabalho de coveiro, uma vez que ele não agiu de maneira preconceituosa e com desprezo quando soube a profissão dele. Além disso, está implícito também neste trecho um acontecimento de cunho inusitado, porque não é todo dia que se conhece um coveiro e, devido a isso, o avaliador do exame demonstrou interesse em conhecer como é o cotidiano do trabalho de E4.

A última estratégia de ponderação social são as comparações sociais seletivas, um processo pelo qual os trabalhadores sujos fazem comparações sociais depreciativas a outros grupos estigmatizados a fim de manter a autoestima (ASHFORTH; KREINER, 1999).

(10) Eu falei lá fora que sou coveiro...aí eles ficam [as pessoas em geral] ...nossa...“sai fora, olha o coveiro aí...”, “oh rapaz, tenho medo de coveiro, cuidado que vai levar nós...” Aí, eu falei: “não, esquenta não...o dia que for...o horário...o dia da data certa, tem que levar você lá pra dentro...” [...] igual lá no IML [Instituto Médico Legal], lá é mais forte, lá eles cortam tudo, pega as tripas, pega tudo...pra fazer alguma coisa lá, estudar, né...aquilo ali que é mais forte, ver o sangue descendo assim, cortando o pescoço, a garganta...abrindo tudo, tirando tudo...isso aí que é mais perigoso, isso daí que é mais difícil...(E7).

No trecho 10, o entrevistado E7 compara a profissão de coveiro com outros personagens ligados à morte, neste caso, os profissionais que participam da necropsia realizada no Instituto Médico Legal (IML). Atrelado a isso, está implícito no discurso de E7 que ele

visa comparar o coveiro com o médico legista, uma vez que o intuito dele é mostrar que há atividades que lidam com a morte e que possuem uma operacionalização mais suja e pesada que a observada no cotidiano dos coveiros. Isso fica explícito nos enunciados *lá é mais forte, lá eles cortam tudo e ver o sangue descendo assim*. Associado a isso, essas expressões, respectivamente, passam uma ideia de um corpo humano retalhado, cortado, e cria uma figura de linguagem em movimento. Além do mais, fica implícito na fala de E7 que a profissão de coveiro é um trabalho mais limpo, menos difícil e até mais cuidadoso para com o morto quando comparado com a atividade que é realizada no IML.

No entanto, a comparação realizada por E7 também se relaciona à categoria de estigma moral, na medida em que demonstra haver olhares díspares por parte da sociedade em relação aos profissionais que lidam com a morte. Nesse sentido, o médico legista é menos desmoralizado, marginalizado e desprestigiado socialmente do que o coveiro, pois a primeira ocupação possui mais legitimidade e *status* social.

A partir das análises esboçadas anteriormente, foi possível observarmos que a profissão de coveiro é bastante estigmatizada pela sociedade. Aos olhos dos entrevistados, trata-se de um trabalho sujo e, devido a isso, eles são tratados de maneira preconceituosa e discriminatória. Não obstante, vale ressaltar que o discurso desses profissionais reflete as três categorias de estigmas (física, social e moral) e as duas estratégias sociais (ideologias ocupacionais e ponderação social) propostas por Ashforth e Kreiner (1999; 2014). Passaremos a seguir para a discussão em torno do processo de construção da identidade dos coveiros e de como eles se relacionam com a morte.

A IDENTIDADE DE SER COVEIRO

O segundo percurso semântico refere-se ao processo de construção da identidade dos coveiros e a maneira como eles passaram a lidar com a morte após começar a trabalhar com uma atividade que está diretamente ligada a ela. Ficou evidenciado nos discursos dos coveiros entrevistados que a identificação com a profissão foi apreendida à medida que eles se descobrem e se orgulham do ofício que exercem, como o entrevistado E6 relata:

(11) [...] às vezes, a gente fala que trabalha no cemitério, mas na administração e tal. Arruma um despisto aí. Mas, eu falo abertamente: “eu sou coveiro” (E3).

A partir de uma análise do explícito e de uma seleção lexical das palavras *despisto* e *abertamente*, é possível identificar que o entrevistado E3 mostra que, inicialmente, ele não dizia que era coveiro, apenas que trabalhava na administração do cemitério. Isto mostra que, para eles, ser do administrativo é mais importante do que o trabalho braçal, ou seja, percebemos a consagração da burocracia como algo mais relevante perante a sociedade, proporcionando *status* a quem exerce esse tipo de atividade (VUUREN; TEURLINGS; BOHLMMEIJER,

2012). No entanto, atualmente, podemos observar que ele tem orgulho da sua profissão no momento em que ele usa a expressão *abertamente*, ou seja, ele não deseja mais esconder o seu ofício, agora esse aspecto faz parte de sua identidade.

Por outro lado, utilizando uma análise do implícito, o entrevistado E6, no trecho abaixo, nos diz o quanto o cemitério, seu local de trabalho, é importante em sua vida, haja vista que ele o compara com a sua casa. Quando ele afirma que luta pelo cemitério e que suas ações são voltadas para o bem dos seus colegas de trabalho, mostra que o sentimento do coletivo e de identificação está presente no exercício da profissão.

(12) São pessoas que gostam do cemitério, igual eu...que lutam pelo cemitério, tudo que eu posso fazer de bem aqui pra mim e pros meus colegas, eu faço, porque, onde você trabalha, é mais do que sua casa, tem que ajeitar, fazer tudo pra pessoa sair mais tranquila daqui...é isso (E6).

(13) Até mudei...às vezes, a gente até trabalhava, mas não trabalhava com sinceridade sabe... aí eu mudei... faço meu serviço mais de acordo, fico tranquilo [...] agora, mais trabalho no serviço, porque eu gosto, tô gostando de trabalhar na profissão que eu trabalho (E7).

O entrevistado E7 nos traz um aspecto interessante, pois ele relata que mudou de comportamento, antigamente não trabalhava com sinceridade, como ele mesmo diz. Porém, percebemos que, implicitamente, ele mostra que, a partir do momento que se identifica com a profissão, a noção do que é o trabalho se altera. Ou seja, o entrevistado relata que ele começa a gostar do trabalho e, por isso, o executa com mais cuidado e zelo, respeitando o seu ofício e a família que está presente na ocasião do sepultamento. Neste momento, o trabalho como coveiro é parte intrínseca da sua vida, auxiliando na formação da sua identidade.

Outra temática evidenciada no discurso dos entrevistados refere-se à maneira como eles passaram a lidar com a morte após começarem a trabalhar com uma atividade diretamente ligada a ela. Os 8 entrevistados afirmaram que, quando eles começaram a trabalhar no cemitério, tiveram dificuldades em se adaptar com o contexto que permeia o cotidiano do trabalho deles. Não obstante, com o decorrer do tempo, eles foram se acostumando e aprendendo a encarar a situação com mais naturalidade. Selecionamos trechos de três entrevistados para analisarmos com mais detalhe o discurso deles acerca deste tema.

(14) [Como foi o início do seu trabalho no cemitério] Foi horrível. Era horrível! Eu escondia pra não chorar com o pessoal. Aí, depois, só o tempo mesmo pra... aí fica tudo normal. Com o tempo, porque o inicial é complicado (E3).

(15) Os primeiros dias foi ruim pra mim. Eu não estava acostumado com isso. Via as pessoas chorando quando fazia o sepultamento. Os primeiros dias foi chato e depois a gente vai acostumando. Acostuma. Passa a ser mais natural (E5).

(16) (...) é isso daí, é mais atenção...pra cada dia a gente melhorar mais, né?...peguei experiência agora com o serviço...sei o que é pra fazer...descer direitinho o corpo pra não pisar em cima do corpo, né...antigamente, eu pisava em cima do corpo

pra descer lá embaixo...agora, não piso mais...tem que ter mais cuidado, né?...E a família [do morto] acha bom (E7).

No fragmento 14, notamos que E3, ao utilizar os lexemas *horrível* e *complicado* para explicar como foi o início de sua trajetória profissional como coveiro, deixa explícito que não foi uma experiência fácil e agradável. Concomitantemente, o trecho 15 também traz um relato parecido com o anterior, uma vez que E5 utiliza os lexemas *ruim* e *chato* para descrever os primeiros dias de sua experiência como coveiro. Diante disso, fica explícito nas falas de E3 e E5 que a atividade de coveiro não é facilmente assimilada e apreendida por eles inicialmente.

Por outro lado, E3 e E5 relatam que, com o passar do tempo, a conturbação inicial passa e a relação deles com o dia a dia da profissão se torna mais natural, sendo assim eles vão acostumando com o contexto de trabalho aos poucos. Isso pode ser observado na expressão de E3 *Aí, fica tudo normal* e de E5 *Acostuma. Passa a ser mais natural*.

O trecho 16 mostra-nos que o coveiro busca o aperfeiçoamento do seu trabalho a partir do momento que a profissão faz parte de sua identidade e que ele se identifica com o ofício. No momento em que o E7 diz *peguei experiência agora com o serviço*, deixa claro que o tempo de trabalho auxilia nessa identificação. Além disso, quando E7 diz *pra cada dia a gente melhorar mais, né?*, podemos evidenciar que, atualmente, ele se preocupa em fazer o seu trabalho da melhor forma possível, buscando um contínuo aprimoramento do seu ofício. Outro aspecto observado, que está implícito no discurso de E7, é de que ele passa a ser mais solidário aos familiares do falecido diante do ritual de sepultamento, isso ocorre por conta do amadurecimento e da identidade profissional adquirida através do exercício da atividade.

(17) Porque aqui não é só fisicamente, psicologicamente também, aqui você tem que ser bom, viu! Não é fácil não, cara! Nem tanto força, mais psicológico mesmo. Porque é complicado, cara, você ver cada situação aqui (E8).

No trecho 17, o entrevistado E8 aborda a questão psicológica da atividade de coveiro ao dizer *aqui não é só fisicamente, psicologicamente também, aqui você tem que ser bom, viu*. Fica explícito em seu discurso que não basta apenas ter resistência física para executar as tarefas exigidas na atividade de coveiro, mas também equilíbrio psicológico. Além disso, fica implícito a contestação de que o trabalho de coveiro não consiste apenas em uma atividade operacional e braçal, uma vez que o equilíbrio emocional também é importante no cotidiano da profissão.

O discurso reproduzido pelos coveiros, como observado neste tópico do trabalho, permitiu apreender a prática que é desenvolvida no cotidiano desses indivíduos e como isso é relevante na formação da identidade de cada sujeito, corroborando, dessa forma, com o esquema proposto por Souza e Carrieri (2012). A possibilidade de triangulação entre discurso, prática e identidade se faz compreender no momento em que encontramos essas vertentes em nossa análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender um pouco mais acerca da profissão de coveiro e evidenciar algumas marcas sociais existentes na profissão, como ela é vista pelos profissionais e como estes se identificam com o seu exercício. Por meio da análise dos dados obtidos, foi possível verificar dois percursos semânticos nos discursos considerados, o estigma que permeia o trabalho e a formação identitária a partir do ofício praticado. Como vimos, o primeiro relaciona-se ao discurso que retrata as categorias estigmatizantes que permeiam a profissão e as estratégias sociais, ideologias ocupacionais e ponderação social, utilizadas pelos coveiros como forma de moderar socialmente o preconceito e a discriminação que eles sofrem perante a sociedade, tanto no dia a dia do trabalho como em sua vida privada. Por outro lado, o segundo diz respeito à formação da identidade do sujeito por meio do seu trabalho, uma vez que, com o exercício da sua função, apesar do tabu da sociedade em profissões relacionadas à morte, a percepção do coveiro em relação ao seu ofício se torna mais clara e ele passa a dar sentido ao seu trabalho e reconhecer a sua relevância no ritual fúnebre da despedida.

Diante dos aspectos que foram abordados e analisados no presente trabalho, os estudos realizados por Ashforth e Kreiner (1999; 2014) foram importantes para compreendermos a estigmatização construída em torno da profissão de coveiro, assim como na análise de como os coveiros lidam com os preconceitos e discriminações provenientes deste estigma. Pontuamos que, diferentemente de Ashforth e Kreiner (2014), acreditamos que o estigma em relação ao ofício de coveiro não pode somente ser analisado pela categoria física, mas deveria ser pensada também em termos das categorias social e moral, haja vista que observamos essas três categorias nos discursos dos entrevistados. A categoria física foi observada na postura das pessoas em relação à ocupação de coveiro, vista por elas como sendo uma profissão marcada por uma sujeira física, nociva e contagiante, da mesma forma que pela realização de atividades nojentas e sujas. No que diz respeito à categoria social, esta apareceu atrelada à maneira como as pessoas tratam e se dirigem aos coveiros, isto é, tais profissionais apresentam uma postura servil em relação às pessoas e, por conseguinte, eles são maltratados e humilhados, simplesmente por exercerem uma profissão que é estigmatizada e desprestigiada socialmente. Por fim, a categoria moral foi observada em termos contrários, pois se buscava fazer comparações entre o trabalho do coveiro e do trabalhador braçal, como também do médico. Ambas atividades utilizadas na comparação são mais reconhecidas pela sociedade do que os coveiros em relação à moralidade, prestígio e virtude. Ademais, neste caso particular, poderíamos pensar até mesmo em uma categoria denominada não moral, na qual apareceria o jogo de uma moralidade individual e social desta atividade profissional de ser coveiro.

Com esta pesquisa foi possível, também, observar uma tentativa por parte dos coveiros de contornar os estigmas presentes nesta profissão aqui relatada por meio das ideologias ocupacionais e da ponderação social. A tentativa de desconstrução ideológica do estigma pode ser vista como a busca de legitimação do ofício que exercem perante a sociedade. A desconstrução pode ser evidenciada em vários momentos, mas dois se destacam. O primeiro é a tentativa de substituição do trabalho de coveiro pelo do trabalho braçal. O uso

metonímico faz vermos o trabalho de coveiro como mais um trabalho braçal de tantos que aqui existem. Trabalho que é realizado por uma determinada classe social em detrimento das outras, mas que, para os entrevistados, é melhor reconhecido que o de coveiro.

No que se refere ao segundo momento, esse aparece nos interdiscursos quando há comparação desta profissão com a de outros profissionais que lidam com a morte (como o médico). Dessa maneira, busca-se uma aproximação ideológica da ocupação de coveiro com a Medicina, que, segundo Barbosa (2003), é considerada uma das profissões imperiais do Brasil. Aproximação que elevaria o *status* da segunda.

Outro aspecto interessante que notamos neste trabalho é o fato de que há um discurso comum entre os coveiros entrevistados, apesar de eles trabalharem em cemitérios distintos. O primeiro aspecto comum se refere ao fato de que, corroborando a pesquisa realizada por Franco (2010) em cinco cemitérios paulistanos, todos os coveiros entrevistados alegaram já terem sofrido algum tipo de preconceito, sendo que o principal motivo está atrelado ao vocábulo *coveiro* e, posteriormente, às atividades referentes à profissão.

Já o segundo aspecto comum diz respeito ao discurso que reflete o posicionamento de um grupo de pessoas da mesma profissão e que suscita questões, reflexões e ponderações comuns a eles, como o estigma, os preconceitos, as dificuldades, a desvalorização e a invisibilidade social do ofício. Por outro lado, os discursos dos coveiros também fazem menção às suas identidades, sendo essas individualizadas, uma vez que elas são construídas a partir das práticas cotidianas de cada um.

Podemos concluir que a apreensão da identidade dos coveiros foi possível a partir do esquema proposto por Souza e Carrieri (2012), ou seja, por meio da análise das práticas cotidianas dos coveiros e dos discursos proferidos por eles. Concomitantemente, observamos que trabalho, organização e sociedade encontram-se imbricados, pois os estigmas, a invisibilidade social e os preconceitos atribuídos à profissão de coveiro estão atrelados à maneira com que a morte é vista pela sociedade e pelo fato de representar uma ocupação laboral que realiza atividades consideradas, a partir da ótica social, como indignas, humilhantes, sujas, pesadas e contaminadas. Ademais, a partir do momento em que o fim da vida é cercado por diversos tabus e visto como algo nojento e pavoroso pelos indivíduos, o trabalho nas organizações do setor funerário também passa a ser visto com certo receio e os indivíduos são taxados como nojentos e sujos, passando despercebida aos olhos da sociedade a importância que as atividades desempenhadas por eles possui.

Dessa forma, este trabalho é relevante no sentido de suscitar e problematizar questões acerca de um ofício e um sujeito social que são raramente abordados no campo da Administração e em outras áreas do conhecimento. No entanto, é importante frisar que a presente pesquisa deve ser tida como um ponto de partida e não um fim em si mesmo, tendo em vista que se faz necessário e relevante investigar, do ponto de vista do trabalho e do discurso, outros ofícios e sujeitos que são marginalizados e invisíveis na área da Administração e em outros campos do saber, buscando assim uma maior compreensão acerca do cotidiano e das condições de trabalho desses sujeitos, assim como do preconceito vivido por eles.

NOTA

1 Submetido à RIGS em: fev. 2017. Aceito para publicação em: abr. 2017.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J. Cleaning Up the Dirty Work: Professionalization and the Management of Stigma in the Cosmetic Surgery and Tattoo Industries. **Deviant Behavior**, v. 33, n. 149, p. 149-167, 2012.

AGUIAR, A. R. C.; CARRIERI, A. P. “Água de lona” e “sangue de serragem” nos discursos de sujeitos circenses. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 247-262, 2016.

ARIMITS, N. Analyzing THE PLACE FOR THE EVENT-type Metonymies from the Perspective of Negative Evaluative Factors. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 2, p. 475-502, 2015.

ASHFORTH, B. E.; KREINER, G. E. How Can You Do It? Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity. **The Academy of Management Review**, v. 24, n. 3, p. 413-434, 1999.

_____. Profane or profound? Finding meaning in dirty work. In: DIK, B. J.; BYRNE, Z. S.; STEGER, M. F. (Ed.). **Purpose and meaning in the workplace**. Washington, DC: American Psychological Association, 2013. p. 127-150

_____. Dirty Work and Dirtier Work: Differences in Countering Physical, Social, and Moral Stigma. **Management and Organization Review**, v. 10, n. 1, p. 81-108, 2014.

BARBOSA, M. L. O. As profissões no Brasil e sua sociologia. Dados, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, p. 593-607, 2003.

BOSMANS, K.; MOUSAID, S., DE CUYPER, N.; HARDONK, S.; LOUCKS, F.; VANROELEN, C. Dirty work, dirty worker? Stigmatisation and coping strategies among domestic workers. **Journal of Vocational Behavior**, v. 92, p. 54-67, 2016.

BROWN, A. D.; COUPLAND, C. Identity threats, identity work and elite professionals. **Organization Studies**, v. 36, p. 1315-1336, 2015.

CARDOSO, M. A. F., HANASHIRO, D. M. M.; BARROS, D. L. P. Um caminho metodológico pela análise semiótica de discurso para pesquisas em identidade organizacional. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 2, p. 351-376, 2016.

CARRIERI, A. P.; SOUZA, M. M. P. A análise do discurso em estudos organizacionais, In: SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórica-conceitual**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2014.

CASSELL, C.; BISHOP, V. Metaphors and sensemaking: understanding the taint associated with dirty work. **Qualitative Research in Organizations and Management: an**

International Journal, v. 9, n. 3, p. 254-269 2014.

CATIVO, C. K. V. V.; RIBEIRO, P.; WEIL, A. G. Cemitério, vida e trabalho: reflexão sobre as condições de trabalho dos coveiros na cidade de Parintins/AM. **Contribuciones a las ciencias sociales**, n. 25, out. 2014.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. (2002). **Códigos, títulos e descrições**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, v. 1, n. 24, p. 213-225, 2004.

FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. de T. F. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. **Cadernos de Pesquisa**, v. 10, p. 32- 38, 1993.

FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Negócios**, 2015. Disponível em: <<http://www.fecomercio.com.br/noticia/mercado-funerario-mostracrescimento-e-investe-em-sofisticacao-de-servicos>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

FRANCO, C. de. **A cara da morte**: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

GILMORE, H.; SCHAFER, C.; HALCROW, S. Tapu and the Invention of the “Death Taboo”: An Analysis of the Transformation of a Polynesian Cultural Concept. **Journal of Social Archaeology**, v. 13, n. 3, p. 331-349, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma** - Notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GRANDY, G.; MAVIN, S. Emotion management as struggle in dirty work: the experiences of exotic dancers. **International Journal of Work, Organisation and Emotion**, v. 6, n. 2, p. 131-154, 2014.

GRANT, A.; WADE-BENZONI, K. The hot and cool of death awareness at work: mortality cues, aging, and self-protective and prosocial motivations. **Academy of Management Review**, v. 34, n. 4, p. 600-622, 2009.

HUGHES, E. Work and the Self. In: ROHRER, J. H.; SHERIF, M. (Ed.). **Social psychology at the crossroads**. Nova Iorque: Harper, 1951. p. 313-323.

_____. **Men and their work**. Glencoe, IL: Free Press, 1958.

_____. Good people and dirty work. **Social Problems**, v. 10, n. 1, p. 3-11, 1962.

LHUILIER, D. Introdução à psicossociologia do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 17, p. 5-19, 2014.

LOFSTRAND, C. H.; LOFTUS, B.; LOADER, I. Doing ‘dirty work’: Stigma and esteem

in the private security industry, v. 13, n. 3, p. 297-314. **European Journal of Criminology**, 2015.

MENEZES, R. A.; GOMES, E. C. Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 89-131, 2011.

MORAIS, I. A. L. **Pela hora da morte**: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia no Grupo Parque das Flores. Tese (Doutorado) – Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Alagoas, 2009.

OLVERA, J. Managing the “Dirty Work” of illegality. **Sociology of Race and Ethnicity**, p. 1-15, 2016.

PÊGAS, D. J.; SANTOS, F. E. A.; GUJARRO, J. O.; POVEDA, V. B. Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. **Journal of Nursing**. v. 3, n. 1, p. 70-76, 2009.

PINHEIRO, F.; FISCHER, F. M.; COBIANCHI, C. J. Work of gravediggers and health. **Work**, v. 41, n. 1, p. 5819-5822, 2012.

POPE, L. G.; CUBELLIS, L.; HOPPER, K. Signing on for dirty work: Taking stock of a public psychiatry project from the inside. **Transcultural Psychiatry**, v. 53, n. 4, p. 506-526, 2016.

SANDERS-MCDONAGH, E. Conducting ‘Dirty Research’ with extreme groups: understanding academia as a dirty work site. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 9, n. 3, p. 241-253, 2014.

SISTEMA NACIONAL DE EMPREGOS, 2017. Disponível em: <<https://www.sine.com.br/media-salarial-para-coveiro>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

SOUZA, E. M. **Metodologias e análíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014.

_____; CARRIERI, A. P. When Invisibility is Impossible: Body, Subjectivity, and Labor Among *Travestis* and Transsexuals. **Journal of Workplace Rights**. p. 1-11, abr./jun. 2015.

SOUZA, J. Em defesa da sociologia: o economicismo e a invisibilidade das classes sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 1, p. 129-158, 2013.

SOUZA, K. C. C. de.; BOEMER, M. R. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 27-52, 1998.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: Uma proposta teórico-metodológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 40-64, 2012.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1987.

VERAS, L.; SOARES, J. C. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 226-236, 2016.

VUUREN, M. V.; TEURLINGS, J.; BOHLMEIJER, E. T. Shared fate and social comparison: Identity work in the context of a stigmatized occupation. **Journal of Management & Organization**, 18, p. 263-280, 2012.

ZELENOVIC, C. C. C. M. **Representações e emoções de coveiros portugueses face à morte**. Dissertação (Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2008.

Daniel Francisco Bastos Monteiro	Mestrando do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.
Verônica Fujise Pereira	Mestranda do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, CEFET-MG.
Laureane Leopoldino de Oliveira	Graduanda em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.
Oscar Palma Lima	Doutorando do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais.
Alexandre de Pádua Carrieri	Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. Professor do CAD/Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da UFMG.